

# O TERRITÓRIO DA PAISAGEM DA CULTURA DA VINHA DA ILHA DO PICO EM FINAIS DO SÉCULO XVI: O *LIVRO SEXTO DAS SAUDADES DA TERRA*\*

CATARINA R. M. MADRUGA\*\*

**Resumo:** *Numa entidade tão complexa quanto o é uma paisagem cultural, constitui um desafio compreender os tempos da sua constituição e transformação, e traçar a sua história. No presente artigo, propomos contribuir para este conhecimento, debruçando-nos sobre a crónica de Gaspar Frutuoso — Saudades da Terra —, e procurando entender como seria, à luz do que nos é transmitido por esta obra, o território da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico em finais do século XVI, nas múltiplas facetas que definem uma paisagem e no âmbito alargado da unidade em que esta se insere: a ilha do Pico.*

**Palavras-chave:** *Açores; paisagem da cultura da vinha; ilha do Pico; história da paisagem; Gaspar Frutuoso; património mundial.*

**Abstract:** *In such a complex entity as a cultural landscape, it is a challenge to understand the times of its constitution and transformation and to trace its history. In this article we propose to contribute to this knowledge by looking at the chronicle of Gaspar Frutuoso — Saudades da Terra —, and trying to understand how it was, in the light of what is transmitted by this work, the territory of the landscape of the Pico island vineyard culture in the late sixteenth century, in the multiple aspects that define a landscape and in the larger scale of the unit in which it is included: the Pico island.*

**Keywords:** *Azores; landscape of the vineyard culture; Pico island; landscape history; Gaspar Frutuoso; world heritage site.*

## INTRODUÇÃO

A escolha da obra *Saudades da Terra* como objeto do presente trabalho justificou-se por recuar a um tempo em que o território em estudo não estava associado a uma produção vinícola de grande escala e, também, por conter dados suficientes para visualizar, com alguma consistência e objetividade, algumas características definidoras da ocupação humana do território e da definição da sua paisagem.

A análise da crónica é feita sobre os dois capítulos do *Livro Sexto das Saudades da Terra* dedicados à ilha do Pico<sup>1</sup> e organizada de modo a consubstanciar-se na recolha e análise de um conjunto de dados, ao qual se associou a construção de um conjunto de diagramas cartográficos relativos a seis temas:

---

\* Se o *copyright* de tabelas, gráficos e outras imagens não for indicado, pertence à autora deste texto.

\*\* Investigadora independente. Arquitecta pela FAUTL e pós-graduada em reabilitação urbana e arquitetónica pelo ISCTE. Projetista em Lisboa, tem desenvolvido estudos sobre a paisagem da cultura da vinha da ilha do Pico, no âmbito de sua formação e atividade profissional.

<sup>1</sup> Capítulo quadragésimo — *Do incerto descobrimento da ilha do Pico e de sua descrição pela costa em circuito*; Capítulo quadragésimo primeiro — *Da descrição da ilha do Pico pelo meio da terra e de um incêndio que nela houve.*

- divisão administrativa;
- lugares habitados;
- portos;
- população;
- atividades;
- atividade vitivinícola.

Pretendeu-se reunir informações que permitissem uma visualização clara e comparável dos dados fornecidos pela crónica de Gaspar Frutuoso e, deste modo, construir hipóteses de interpretação relativas ao tipo de ocupação humana do território da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico no final do século XVI, tanto numa perspetiva comparativa em relação ao restante território da ilha à época, como numa perspetiva comparativa em relação aos aspetos que caracterizam a consubstanciação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico enquanto tal, oferecendo uma leitura entrecruzada que possa contribuir para um entendimento mais completo desta paisagem como resultado complexo de fenómenos de transformação, supressão, transmissão e hibridização ao longo do tempo.

## 1. DIVISÃO ADMINISTRATIVA

As informações transmitidas por Gaspar Frutuoso em relação à divisão administrativa da ilha do Pico indicam a existência de sete freguesias: três na vertente sul (São Mateus, Lajes e Ribeiras); duas na vertente norte (São Roque e Prainha); uma na ponta nascente (Piedade) e outra na base da montanha, no lado poente da ilha (Madalena). É também indicada a existência de duas vilas — uma na vertente sul (Lajes) e outra na vertente norte (São Roque) —, sendo sublinhada a importância destacada da primeira em relação à segunda.

Não há um conhecimento garantido sobre como se terá processado o povoamento inicial da ilha do Pico, mas existe a suposição de que o mesmo possa ter acontecido na sua vertente sul, na zona das atuais freguesias das Lajes e das Ribeiras, o que poderia contribuir para justificar a relevância da vila das Lajes no contexto da ilha no final do século XVI<sup>2</sup>.

Embora, a partir dos dados da crónica, não seja possível aferir as dimensões exatas que as freguesias teriam, é viável ter uma ideia aproximada de algumas das suas extensões ao longo da costa, pois Gaspar Frutuoso indica-o para as freguesias da Madalena e da Piedade (ambas com cerca de duas léguas para sul e duas léguas para norte) e para a freguesia das Lajes (que teria mais de três léguas de extensão). Considerando-se a possibilidade da localização das fronteiras entre as freguesias se ter mantido relativamente

---

<sup>2</sup> CHAGAS, 1989: 507.

constante ao longo do tempo (com exceção das que correspondem aos acidentes vulcânicos de 1718 e que poderão, portanto, ter sido alteradas, entretanto), estabeleceu-se recorrer a estas para efeitos de representação gráfica. Em relação às datas de formação das freguesias Gaspar Frutuoso indica apenas que a freguesia de São Mateus teria sido criada em 1588.

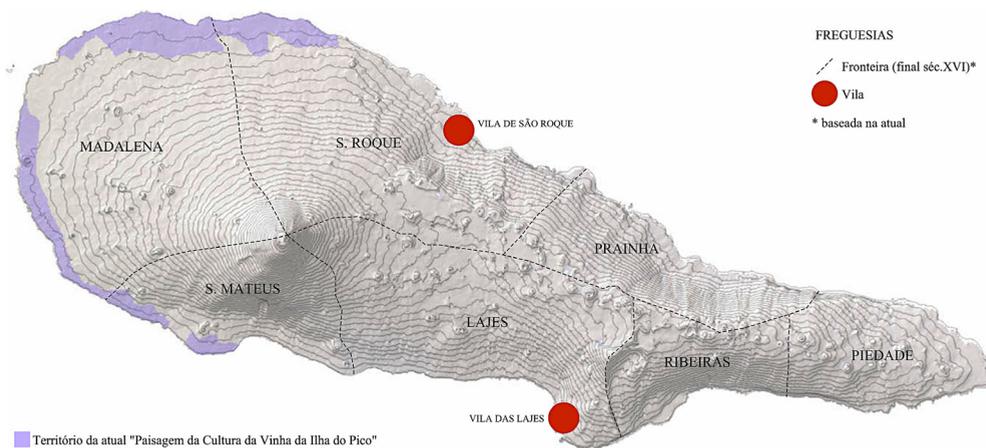


Fig. 1. Diagrama cartográfico relativo à divisão administrativa da ilha do Pico, em finais do século XVI, feito com base na informação transmitida por Gaspar Frutuoso

Da análise do diagrama cartográfico construído para este tema (Fig. 1), constata-se a existência de uma divisão administrativa fortemente influenciada pela natureza topográfica da ilha. Identifica-se uma organização do espaço administrativo determinado pelo planalto — que divide as vertentes sul (das freguesias das Lajes e das Ribeiras) e norte (das freguesias de São Roque e da Prainha) —, das quais se destaca a ponta nascente da ilha, de relevo mais suave (correspondente à freguesia da Piedade) e o cone da montanha propriamente dito (correspondente às freguesias da Madalena e de São Mateus). Cumulativamente, esta divisão administrativa parece confundir-se, também, com os próprios ritmos de povoamento da ilha, correspondendo, as freguesias da vertente sul e norte do planalto, aos primeiros impulsos povoadores, e a ocupação da faixa do cone da montanha a um segundo momento, decorrente da atribuição da capitania da ilha do Pico ao capitão donatário da ilha do Faial, em finais do século XV.

Comparando a divisão administrativa elencada por Gaspar Frutuoso com aquela que é descrita por frei Diogo das Chagas, em meados do século XVII, na sua obra *Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores* (Fig. 2), verifica-se um aumento significativo do número de freguesias nesta mesma faixa que contorna a montanha, a poente, e que corresponde a uma considerável extensão do atual território da Paisagem da

Cultura da Vinha da Ilha do Pico (Candelária, Bandeiras e Santa Luzia). A criação destas três novas freguesias em apenas meio século poderá ter decorrido de um crescimento do número de habitantes, da criação de novas paróquias e do eventual aumento da importância económica deste território.

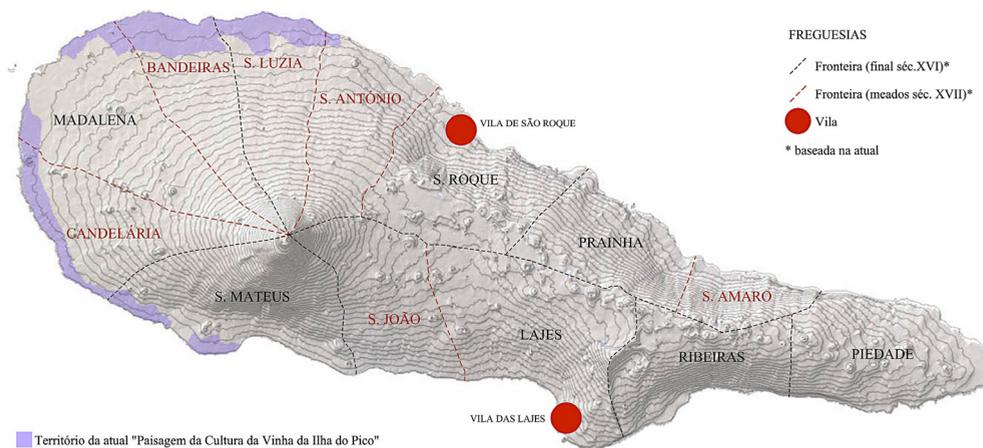


Fig. 2. Diagrama cartográfico relativo à divisão administrativa da ilha do Pico em meados do século XVII, feito com base na informação transmitida por frei Diogo das Chagas, na obra *Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores*

Este dado pode fazer supor que, entre a data da crónica de Gaspar Frutuoso e a data da crónica de frei Diogo das Chagas, esta parte da ilha poderá ter sido palco de alterações relevantes, eventualmente consequência do início de uma atividade vitivinícola mais expressiva.

## 2. LUGARES HABITADOS

São poucas as informações concretas fornecidas por Gaspar Frutuoso relativamente à distribuição do espaço habitado na ilha do Pico, não sendo possível identificar claramente qual a sua distribuição ao longo do território. Relativamente à maioria dos pontos onde se estabelecia o contacto com o mar para embarcar mercadorias, por exemplo, apesar de haver uma atenção descritiva em relação ao tipo de condições naturais existentes e em relação ao uso específico que lhes era dado, não há informações concretas quanto à existência, ou não, de núcleos habitados correspondentes.

Não obstante, existe a informação de que tanto o porto da Calheta do Nesquim como o da Calheta da Prainha do Galeão estavam associados a pequenos aglomerados habitados, com cerca de seis a sete vizinhos cada. Também é possível concluir, pela informação transmitida, que as freguesias da Madalena, da Prainha e das Ribeiras seriam habitadas na proximidade dos seus correspondentes portos. Existem dados, também, relativos a uma povoação interior na freguesia da atual Piedade. A estes aglomerados que

foi possível identificar juntam-se as vilas das Lajes e de São Roque, claramente elencadas. Por fim, é feita referência a um eventual núcleo habitado de uso provisório ou sazonal, correspondente à presença de casas de pastores na freguesia de São Roque, junto a uma lagoa na fralda da montanha.

Paralelamente a esta ausência de informações concretas sobre a identificação de aglomerados habitacionais, há a indicação de que, tanto na freguesia da Madalena como nas freguesias de São Mateus e da Piedade, a população estaria instalada de modo disperso no interior do território, imersa nos então existentes e designados matos.

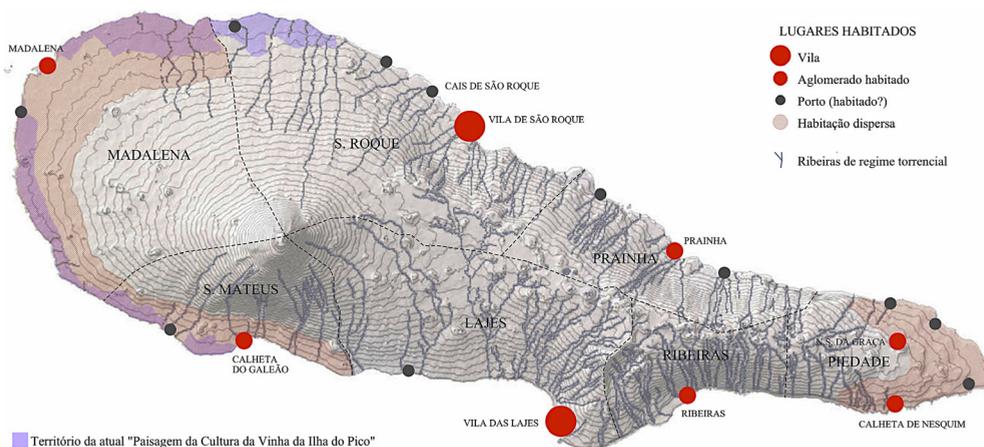


Fig. 3. Diagrama cartográfico relativo à distribuição dos lugares habitados na ilha do Pico, em finais do século XVI, feito com base na informação transmitida por Gaspar Frutuoso e informação atual relativa à distribuição das ribeiras da ilha

Analisando o diagrama decorrente da reunião da informação (Fig. 3), verifica-se que a distribuição dos lugares habitados assenta numa característica relativamente constante: a proximidade da costa. Esta localização é cumprida nas duas vilas da ilha (Lajes e São Roque), bem como na grande maioria dos restantes núcleos identificados. Numa lógica de apropriação do território, em que a possibilidade de troca e venda de produtos (feitas por via marítima) era basilar, compreende-se o motivo desta opção. Por outro lado, a proximidade do mar permitia o desenvolvimento de atividades piscatórias, relevantes para a alimentação da população.

Outro fator determinante para a compreensão da localização das povoações, e que Gaspar Frutuoso refere com bastante relevo, é a disponibilidade de água doce. Sobre este aspeto é registado que a ilha do Pico era carecida de água, sobretudo no verão, dispondo apenas de três fontes pequenas. O acesso à água seria, portanto, difícil, sendo várias as estratégias utilizadas para a suprir.

O recurso à água existente nos pontos mais altos da ilha (das nascentes dos aquíferos de altitude, decorrentes do degelo da montanha ou das lagoas existentes no planalto da montanha), seria uma dessas estratégias, embora seja mencionado que a deslocação até estes pontos da ilha «custa muito trabalho por os caminhos serem fragosos e compridos [...] e trabalhosos»<sup>3</sup>.

Outra estratégia passaria por preservar a água das ribeiras (nas épocas do ano em que dispunham de água), recorrendo aos seus acidentes geológicos, como sucederia com a ribeira Seca da vila de São Roque, «que tem dentro em si grandes concavidades de pedra onde está água das enchentes das chuvas; fica por espaço de muito tempo, que dura e se bebe dela»<sup>4</sup>.

A estratégia de captar a água proveniente de aquíferos costeiros também serviria para colmatar os poucos recursos hídricos, recorrendo-se à execução de poços de água da maré de baixa-mar, ou retirando-a, salobra, de covas feitas de areia ao longo da costa, conforme descreve Gaspar Frutuoso.

Por fim, e numa estratégia que ajudará a justificar não haver concentração das zonas habitadas junto à costa nas freguesias que carecem de ribeiras, recorria-se às árvores para a recolha de água das chuvas:

*fazem riscos nos troncos das árvores, cortando-as à roda, como anéis inclinados de uma banda, onde lhe põem por bica uma folha de árvore e, pondo nela umas jarras, cabaças, ou tinas, se estão enchendo, enquanto chove de dia e de noite, e principalmente fazem isto nos louros, porque acham ser melhor e mais sadia água que outra nenhum; há muitos homens que edificam suas moradas [...] em parte onde há louros, antre os matos, por razão de ali se poderem aperceber de água pera beberem»<sup>5</sup>.*

Voltando a analisar o diagrama efetuado, no qual se integrou a informação sobre as ribeiras atualmente existentes na ilha do Pico, ressalta que uma parte considerável da atual Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico não dispõe de ribeiras, o que terá contribuído para que este território tenha sido dos últimos a ser explorado e povoado no contexto da ilha do Pico. Por outro lado, é interessante verificar que, nestas zonas, a distribuição dos espaços habitados é dispersa e desenvolve-se até zonas mais interiores, afastadas em relação à costa, provavelmente potenciada pela existência de estratégias de captação de água doce que não passariam por uma concentração nas zonas de confluência de ribeiras e, portanto, de aglomeração junto à costa.

Nas épocas subsequentes ao final do século XVI, as estratégias de captação de água serão desenvolvidas e vulgarizadas e permitirão que elementos como os poços de maré,

<sup>3</sup> FRUTUOSO, 1978: 300.

<sup>4</sup> FRUTUOSO, 1978: 299.

<sup>5</sup> FRUTUOSO, 1978: 300.

os tanques e as cisternas ganhem uma dispersão considerável, tornando-se elementos importantes na própria caracterização dos espaços construídos da ilha do Pico. E permitirão que em territórios como o da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, a distribuição dos lugares habitados continue a ser praticada numa posição interior em relação à costa, conforme se constata no mapa detalhado que Alexander T. E. Vidal fez da ilha do Pico em meados dos anos quarenta do século XIX.

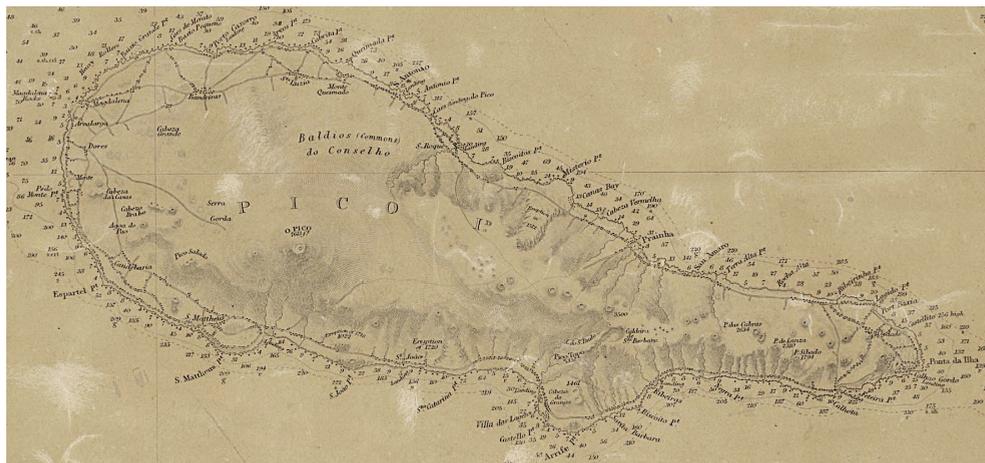


Fig. 4. Azores or Western Islas (c. 1841-1845), da autoria do capitão Alexander T. E. Vidal  
Fonte: VIDAL, c. 1841-1845

### 3. PORTOS

No primeiro capítulo de *Saudades da Terra* dedicado à ilha do Pico é feita uma descrição pormenorizada da sua costa, sendo indicados os vários locais que funcionavam como zonas de aproximação de embarcações, bem como o tipo de mercadorias que aí eram embarcadas. Com frequência, são indicadas, também, as condições de utilização desses embarcadouros: a época do ano em que podiam ser usados; as dificuldades que apresentavam; o tipo de embarcações que os podiam utilizar, ou o modo como determinadas mercadorias eram embarcadas quando uma maior aproximação à costa não era viável.

Numa época em que o arquipélago dos Açores (tal como outros espaços geográficos ocupados no decurso da expansão marítima portuguesa) era visto como espaço vital para extrair e produzir bens que suprissem as carências do território europeu e permitissem uma participação nas trocas comerciais de grande escala, garantir a existência de meios para embarcar esses mesmos bens era um fator crucial.

Da leitura do conjunto dos embarcadouros disponíveis na ilha do Pico ressalta a utilização das condições naturais preexistentes — de baías, praias e «pontas» —,

para zonas de aproximação das embarcações, existindo a referência a apenas um porto construído na zona do atual Cais de São Roque «que é um cais e porto que se fez ao picão»<sup>6</sup>.

Nas situações menos favoráveis de aproximação à costa eram usadas medidas alternativas de carregamento, como sucedia com a madeira embarcada na Furna de Santo António ou na Ponta do Mouro (ou de André Roiz), onde a mesma era lançada ao mar e, daí, recolhida pelos barqueiros.

Há indicação de vários pontos da costa onde poderiam aceder caravelas, caravelões e «barcos grandes», atestando a aproximação de embarcações de maior capacidade de transporte à ilha do Pico. Este tipo de embarcações surge mencionado com maior expressão na vertente norte e na ponta nascente (freguesias de São Roque, Prainha e Piedade), sugerindo um maior desenvolvimento das relações comerciais com o exterior desta parte da ilha. Não é possível verificar se o mesmo se passaria com a vertente sul, pois são prestadas poucas informações sobre o porto das Lajes e das Ribeiras. Comparativamente com estas situações, a costa da freguesia da Madalena apresenta um número de portos muito reduzido e nenhuma referência à aproximação de grandes embarcações.

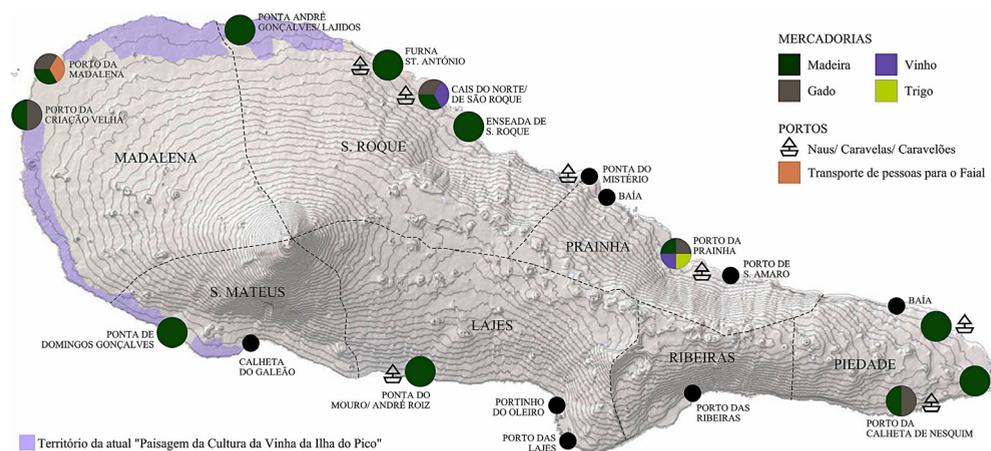


Fig. 5. Diagrama cartográfico relativo aos portos/pontos de embarque da ilha do Pico, em finais do século XVI, feito com base na informação transmitida por Gaspar Frutuoso

Da análise do diagrama (Fig. 5) é também possível aferir que o futuro território da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico se encontraria, do ponto de vista da distribuição dos seus pontos de contactos com o mar e embarque de mercadorias, numa fase de desenvolvimento muito distante da que determinaria o ciclo da sua pujança produtiva, no qual seriam inúmeros os pequenos portos através dos quais as pipas eram

<sup>6</sup> FRUTUOSO, 1978: 292.



ao aplicar os coeficientes 3,5 e 4,0, o valor resultante apresentou-se mais baixo do que o número de almas de confissão — o que seria um contrassenso —, fixou-se o intervalo entre 4,5 e 5 para a estimativa da população total de cada freguesia, baseando-nos no facto de João Alves Dias apontar os coeficientes 4 e 5 como os limites para a realidade portuguesa continental da mesma época<sup>9</sup>.

Complementarmente a estes dados numéricos, Gaspar Frutuoso faz referência a elementos caracterizadores da organização social que permitem compreender um pouco mais o tipo de tecido social existente em cada freguesia. Por um lado, indicando a existência de cargos específicos, como sejam o de vigário, de capitão de guerra, de beneficiado ou de tesoureiro. Por outro lado, indicando a existência de «homens nobres e ricos» e registando (para o caso das freguesias das Ribeiras e das Lajes) os apelidos das famílias que considerava, neste âmbito, relevantes.

Para as freguesias das Lajes e de São Roque, Gaspar Frutuoso descreve, também, a existência de pessoas que se teriam diferenciado pela sua riqueza, pelo seu poder ou pelos contactos sociais que estabeleciam, reforçando a importância destas duas vilas/freguesias na trama social da ilha do Pico e do arquipélago, como seria o caso de Fernão d'Alvres («que foi em seu tempo monarca da ilha do Pico»<sup>10</sup>) ou de André Roiz, considerado «o mais rico de toda a ilha, [...] vivia com muito mais aparato que todos e se carteara com Pedreanes do Canto, que era o principal da ilha Terceira, e com Jos Dutra, capitão do Faial, cada um dos quais, em cada uma das ilhas em que vivia, fazia o que queria»<sup>11</sup>.

Paralelamente à descrição destes elementos sociais destacados, Gaspar Frutuoso faz referência a alguns hábitos, como sejam o calçado mais comum — as tradicionais albarcas —, que o autor descreve como «não são senão um pedaço de pele que cobre o pé, o qual cosem ou atam com umas correias do mesmo couro»<sup>12</sup> e que se mantiveram em uso até ao século XX; ou da apresentação dos cabelos, que usariam «pera dentro ou pera fora, como lhes mais contenta»<sup>13</sup>, ficando a perceção da existência de um ambiente social de alguma informalidade ou da existência de uma camada social com recurso e acesso a bens, mais limitado.

Uma referência expressa à riqueza e à pobreza — bem como à sua relação direta com a posse de terras —, é feita pelo autor, quando refere as escoadas lávicas (decorrentes do episódio vulcânico da Prainha) terem destruído «muitas terras de homens ricos, que com isso ficaram pobres, por perderem ali suas herdades e fazendas»<sup>14</sup>. Esta constatação sugere que, para se conseguir atingir e manter um determinado estatuto económico,

---

<sup>9</sup> MADEIRA, 1999: 141.

<sup>10</sup> FRUTUOSO, 1978: 293.

<sup>11</sup> FRUTUOSO, 1978: 302.

<sup>12</sup> FRUTUOSO, 1978: 303.

<sup>13</sup> FRUTUOSO, 1978: 303.

<sup>14</sup> FRUTUOSO, 1978: 303.

seria fulcral dispor de propriedades. Ainda sobre o mesmo acidente vulcânico, Gaspar Frutuoso também refere a fuga de habitantes da ilha, testemunhando um dos impactos dos fenómenos vulcânicos nas oscilações demográficas do arquipélago.

Outro dado importante da crónica, diz respeito à menção da existência de feitores e de proprietários exteriores — que residiriam, sobretudo, noutras ilhas do arquipélago — em duas zonas da atual Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico. Este tipo de relação de posse será, no futuro, muito evidente na constituição deste território enquanto espaço de atividade vitivinícola, sendo interessante constatar a sua existência nesta época.

Por fim, uma descrição presente na crónica relativa ao modo como os botes do Faial eram chamados para transportar pessoas da freguesia da Madalena indica que haveria um trânsito relativamente regular de pessoas entre estas duas zonas das ilhas. Não se sabe ao certo o que justificaria estas viagens, sendo uma possibilidade a venda de produtos e a compra de cereais (dada a sua elevada carência nesta parte da ilha do Pico), eventualmente decorrente de uma maior proximidade, por mar, da freguesia da Madalena à vila da Horta, comparativamente às vilas das Lajes e de São Roque. Este trânsito de pessoas entre as duas ilhas ganhou pujança e manteve-se até aos dias de hoje e foi também uma das particularidades das dinâmicas sociais associadas à Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico.

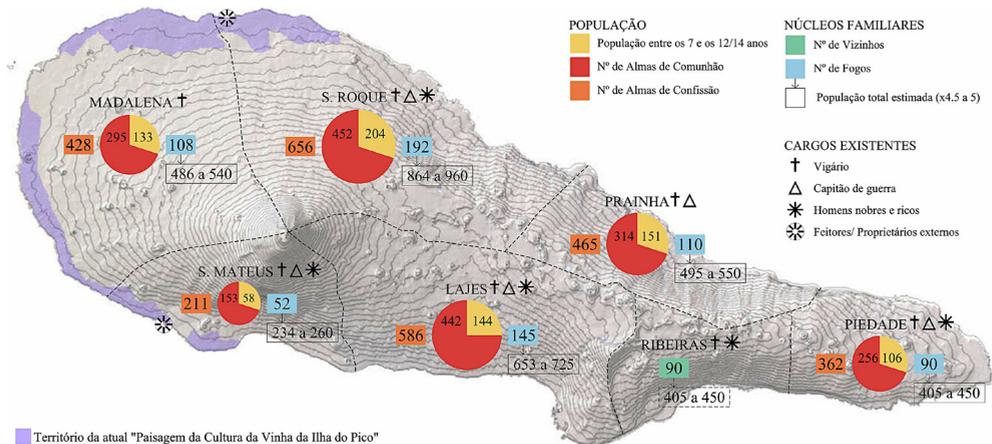


Fig. 7. Diagrama cartográfico relativo à população da ilha do Pico em finais do século XVI, feito com base na informação transmitida por Gaspar Frutuoso

Analisando o diagrama resultante (Fig. 7) é possível concluir que a dimensão da população da freguesia da Madalena (em que se insere grande parte da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico), considerando a área do seu território, era relativamente reduzida comparada com a de outras freguesias. Também se verifica não existir

referência a cargos ou a posições de destaque social nesta freguesia, o que sugere a existência de uma estrutura social relativamente simples, sendo estas suposições reforçadas pelas próprias palavras de Gaspar Frutuoso quando diz, sobre esta freguesia, que «tem poucos fregueses»<sup>15</sup> e sobre os seus habitantes, que «vivem por suas lavouras e são fragueiros»<sup>16</sup>. Este tipo de estrutura social, mais homogénea, pontuada pela existência de fatores e de proprietários não residentes, será um dos traços sociais marcantes da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico na sua época de maior pujança económica, sendo interessante verificar que estas mesmas características já existiriam no final do século XVI.

## 5. ATIVIDADES

O tipo de atividades de extração e produção praticadas e o tipo de mercadorias embarcadas são outros dos temas presentes na crónica de Gaspar Frutuoso em relação à ilha do Pico, acompanhados de informações sobre a vegetação, o solo e a presença de água na ilha, que permitem enquadrar de um modo mais completo alguns dos motivos e formas de desenvolvimento destas mesmas atividades.

O cultivo de cereais, que seria um dos principais objetivos iniciais nos territórios do arquipélago, não era fácil na ilha do Pico. Em relação à sua população, por exemplo, é referido na crónica que «come esta gente muito pouco pão por o não dar a terra»<sup>17</sup>, havendo apenas referência à produção e embarque de trigo para a freguesia da Prainha, e de produção de trigo, em pequena escala, para a freguesia das Lajes. Não havendo abundância de cereais, a alimentação local baseava-se, segundo Gaspar Frutuoso, sobretudo no consumo de abóboras, «dentabrum» (a partir da qual, assado e triturado, fariam pão), talos de funcho, nabos, figos e pescado.

A dificuldade do cultivo de cereais — que implicava poder dispor de terrenos aráveis — terá decorrido, numa parte considerável do território, de existir solo, muitas formações rochosas à superfície e pedras soltas depositadas sobre os terrenos, decorrentes de fenómenos vulcânicos («é toda a terra desta ilha mui áspera e muita parte dela coberta de biscouto»<sup>18</sup> e «não tem mais terra que a que se faz das folhas das árvores»<sup>19</sup>).

Se, por um, lado estas características poderão ter determinado a impossibilidade de cultivo de cereais, por outro lado a presença de formações rochosas e de pedras de origem vulcânica nos terrenos é reconhecida como podendo ser uma vantagem para o cultivo de árvores de fruto e de vinhas («pedra mais quente, pera criar muito arvoredo e vinhas e muita fruta de espinho de laranjeiras, cidras e limeiras, e limões franceses e de sumo»<sup>20</sup>).

<sup>15</sup> FRUTUOSO, 1978: 291.

<sup>16</sup> FRUTUOSO, 1978: 292.

<sup>17</sup> FRUTUOSO, 1978: 303.

<sup>18</sup> FRUTUOSO, 1978: 302.

<sup>19</sup> FRUTUOSO, 1978: 289.

<sup>20</sup> FRUTUOSO, 1978: 304.

No âmbito das atividades é, também, dito haver muitos citrinos na ilha, de elevada qualidade, como cidras, limas e limões franceses e de sumo, sendo mencionada expressamente a sua produção na freguesia das Ribeiras. Os citrinos eram muito populares à época, sobretudo, para a produção de conservas de açúcar (similares às atuais frutas cristalizadas) não se sabendo, no entanto, se os citrinos produzidos na ilha do Pico eram usados ou comercializados para tal. Paralelamente à existência de citrinos, Gaspar Frutuoso também refere haver muitos e bons pêssegos, marmelos, maçãs e figos.

Uma das atividades que aparece referida com particular relevo ao longo da crónica é a extração de madeira. Em praticamente todas as zonas de portos, esta é referida como sendo embarcada em grande quantidade, de espécies variadas e/ou para usos específicos como, por exemplo, para queimar ou construir carros e arados, atestando a abrangência da importância da madeira na economia da época. Na descrição sobre as atividades das freguesias das Lajes, é referido também, sobre a madeira, que esta «se tira do matos» e, especificamente para a freguesia da Madalena, que os habitantes cortariam muitos tipos de madeira e que a venderiam para outras ilhas, atestando o seu uso para fins comerciais e a sua elevada disponibilidade.

Analisando o texto, encontram-se várias referências à existência de floresta (designada de «matos») e de troços do território em que a mesma se estenderia até ao mar, como é o caso da costa entre a Calheta de Nesquim e Santa Cruz das Ribeiras; da costa entre os Calhaus do Galeão e de Domingos Gonçalves; da costa entre a Madalena e os Lajidos; da costa entre a Furna de Santo António e o Cais do Norte; da atual zona da Baía das Canas, ou da costa entre a Prainha e Santo Amaro.

A indicação expressa da presença de floresta nestes troços de costa, juntamente com a indicação de que a população das freguesias da Madalena e de São Mateus vivia «metida entre os matos», permite supor que algumas partes do território da ilha do Pico ainda não teriam sofrido um processo massivo de desflorestação, sendo mencionada por Gaspar Frutuoso a existência de diversas espécies na ilha: cedros, sanguinhos, ginja, pau-branco, faias, louros, tamujo, urzes de grandes dimensões, zimbro e teixos (que existiriam na freguesia de São Roque e teriam a sua extração limitada).

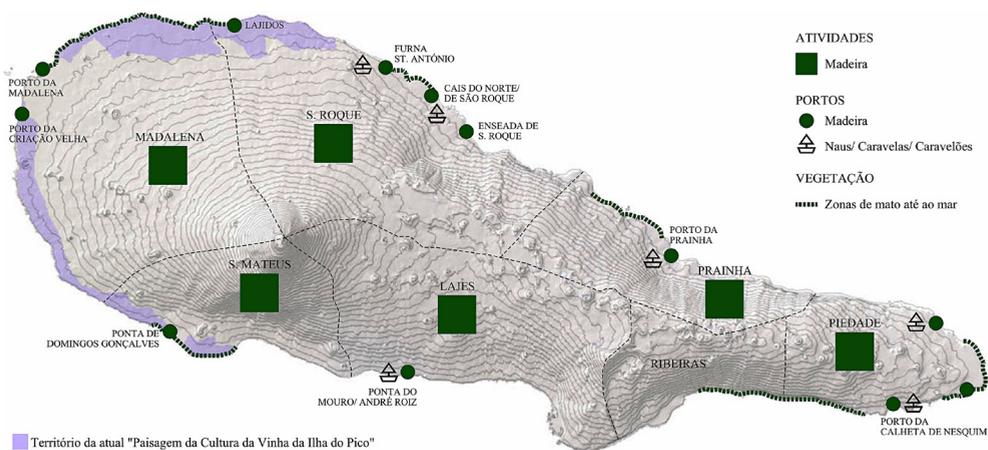


Fig. 8. Diagrama cartográfico relativo à extração de madeira na ilha do Pico, em finais do século XVI, feito com base na informação transmitida por Gaspar Frutuoso

Outra das ocupações que surge mencionada com frequência, tanto na descrição das mercadorias embarcadas como das atividades desenvolvidas em cada freguesia, é a criação de gado, que estaria de tal modo disseminada pela ilha que Gaspar Frutuoso diz sobre o mesmo que «em qualquer parte que uma pessoa está da ilha do Pico lhe parece que o tem [gado] junto de si e sobre sua cabeça»<sup>21</sup>.

É referida, inclusivamente, a existência de pessoas destacadas na sociedade que se dedicavam a esta atividade, comprovando o sucesso da mesma, como Amaro Pires, Rodrigalvres ou André Gonçalves, feitor de Dona Violante.

A criação de gado implicava dispor de zonas de pastagens e de água, o que poderá ter sido conseguido recorrendo às zonas de maior altitude da ilha, mais húmidas, com lagoas de água permanente e, eventualmente, já desflorestadas. O uso destes territórios da ilha para a pastorícia poderá ter sido feito sazonalmente, pois, conforme Gaspar Frutuoso escreve:

*Os gados de toda a sorte, [...] como vêm de Maio por diante, que se desfaz a pedra [neve], se acolhem todos arriba dele [na montanha], por lhe não faltar lá o pasto e água [...] e, corno torna o mês de Setembro, os mesmos gados se acolhem logo abaixo pera as terras feitas, por não poderem lá sofrer a muita frieza*<sup>22</sup>.

As lagoas do dorso da ilha constituiriam um bem fundamental para a criação de gado, sobretudo nas épocas mais secas. A criação de gado na ilha do Pico incluiria o gado bovino, caprino e ovino, sendo também referida a criação de porcos, éguas e mulas.

<sup>21</sup> FRUTUOSO, 1978: 298.

<sup>22</sup> FRUTUOSO, 1978: 298.

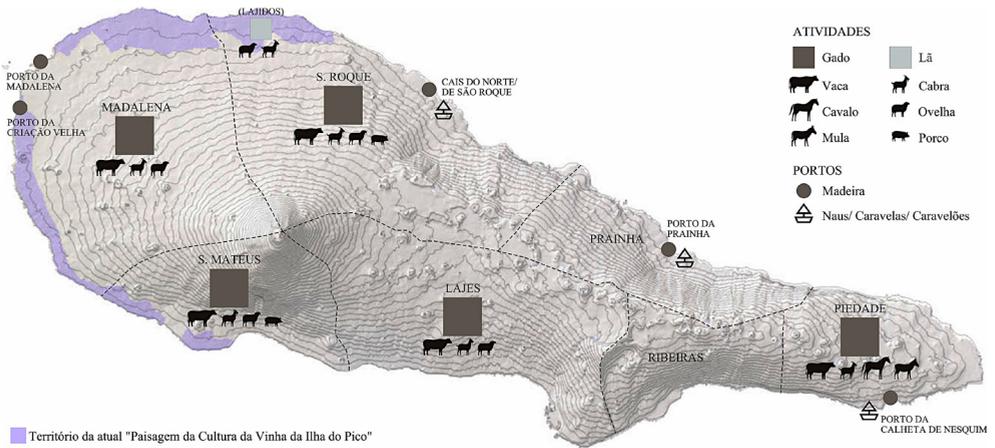


Fig. 9. Diagrama cartográfico relativo à criação de gado na ilha do Pico, em finais do século XVI, feito com base na informação transmitida por Gaspar Frutuoso

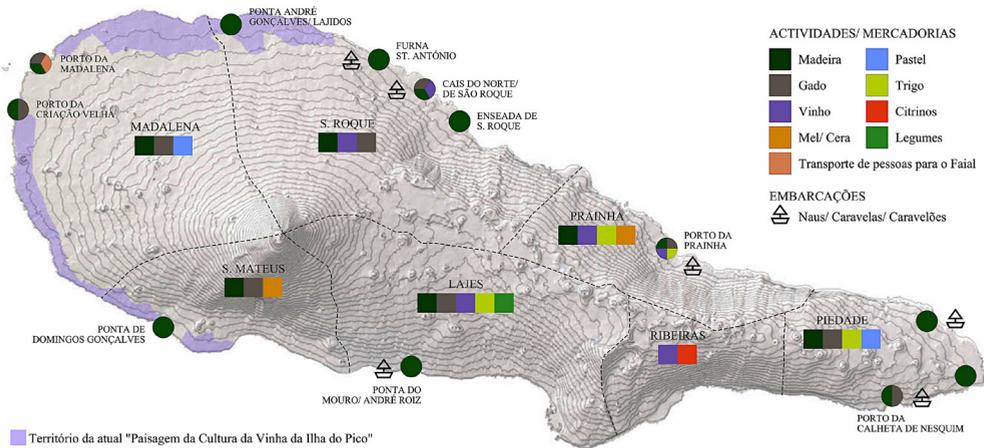


Fig. 10. Diagrama cartográfico relativo ao resumo das atividades e dos bens embarcados na ilha do Pico, em finais do século XVI, feito com base na informação transmitida por Gaspar Frutuoso

Outras atividades mencionadas para a ilha do Pico são a apicultura (associada à extração de mel e de cera) e a produção de pastel e extração de semente da sua planta. Sobre esta última, é dito que a produção de pastel não seria feita em grande quantidade, mas que, na opinião de Gaspar Frutuoso, seria de boa qualidade, «por ser todo feito em roças novas»<sup>23</sup>. Esta atividade é indicada para as freguesias da Piedade e da Madalena, sendo um dado interessante por constituir uma atividade que implica um processo de transformação, menos direto do que a extração da madeira ou a criação de gado.

<sup>23</sup> FRUTUOSO, 1978: 291.

Na sua produção, o pastel implica o cultivo da planta, o esmagamento das partes colhidas, a moldagem de «bolos» e a sua secagem, exigindo a existência de utensílios e espaços específicos — das roças onde seria feita a trituração aos tabuleiros nos quais seria feita a secagem, por exemplo —, apontando para a necessidade de um investimento prévio nestes meios.

Por outro lado, sendo um produto de aplicação muito específica e usado, sobretudo, em meios de alguma sofisticação económica (pois serviria para tingimento de tecidos e produção de tintas), é expectável que o pastel não fosse destinado a ser comercializado dentro do arquipélago açoriano (como é expectável que pudesse suceder com o gado e a madeira), mas destinado à exportação para o continente europeu.

## 6. ATIVIDADE VITIVINÍCOLA

Apesar da importância destacada da extração de madeira e da criação de gado no quadro das atividades desenvolvidas e nos produtos expedidos na ilha do Pico no final do século XVI, existem referências à atividade vitivinícola na crónica de Gaspar Frutuoso, nomeadamente a referência de que o vinho da ilha do Pico seria «melhor que em todas as ilhas»<sup>24</sup>.

São quatro as freguesias associadas a este tipo de atividade — São Roque, Prainha, Ribeiras e Lajes —, sendo claramente identificada a produção de vinho nas quatro primeiras e havendo referência, em relação à freguesia das Lajes, a «muitas vinhas, que vão em muito crescimento».

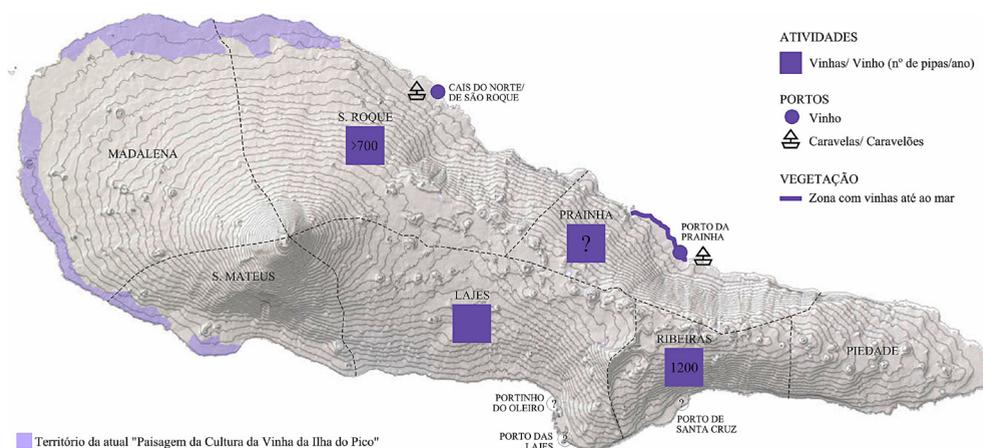


Fig. 11. Diagrama cartográfico relativo à produção de vinho na ilha do Pico, em finais do século XVI, feito com base na informação transmitida por Gaspar Frutuoso

<sup>24</sup> FRUTUOSO, 1978: 303.

Os vinhos só são referidos, como produto embarcado, no Cais do Norte e no porto da Prainha do Norte, ou seja, na vertente norte da ilha. No entanto, é provável que também o fosse nas Ribeiras, onde a sua produção é indicada como sendo particularmente expressiva.

Para a vertente norte da ilha, Gaspar Frutuoso indica especificamente a presença de vinhas junto ao mar na zona da freguesia da Prainha e a destacada importância do vinho na vida económica da freguesia de São Roque. Não há referência à presença de vinhas ou produção de vinho nas freguesias de São Mateus ou da Madalena (correspondentes aos futuros territórios da paisagem da cultura da vinha) e supõe-se que, quando Gaspar Frutuoso refere, para a ilha do Pico, que «em toda a terra há muitas vinhas, que dão bom vinho»<sup>25</sup>, estivesse a apontar para a existência de uma disseminação desta atividade no contexto da ilha. No entanto, julgamos que o facto desta atividade não ser mencionada para os territórios da faixa que envolve a montanha da ilha poderá apresentar como justificação esta mesma atividade ter, à época, nesta parte da ilha, pouca expressão.

Relativamente à quantidade de pipas produzidas por ano, é dito serem mais de 700 na freguesia de São Roque, e cerca de 1200 na freguesia das Ribeiras. Em relação a esta última freguesia, é reforçado existirem produtores que alcançariam cerca de 100, 120 ou 130 pipas anuais, como Belchior Homem, para o qual é indicada uma produção anual de 100 a 120 pipas de vinho. Considerando a dimensão relativamente pequena do território desta freguesia, estes valores não deixam de ser surpreendentes.

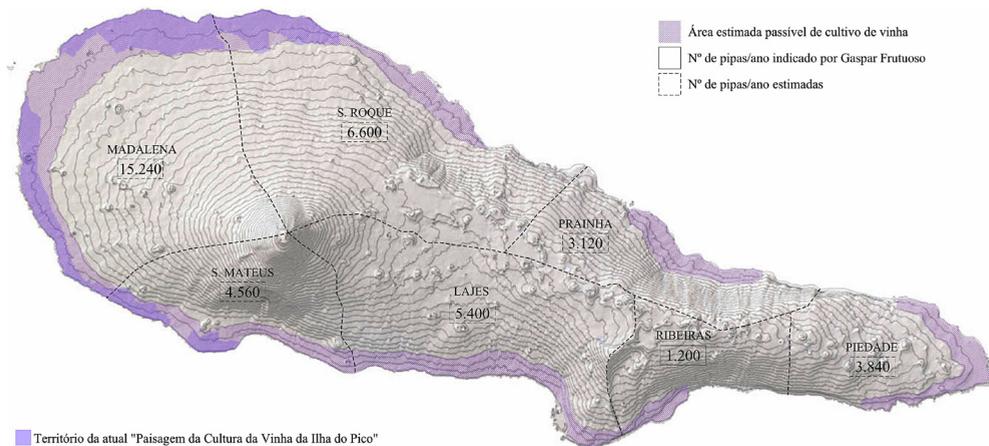


Fig. 12. Diagrama cartográfico relativo à estimativa da produção de vinho na ilha do Pico num cenário de produção intensa, equivalente à existente na freguesia da Ribeiras, por Gaspar Frutuoso, em finais do século XVI

<sup>25</sup> FRUTUOSO, 1978: 303.

Com vista a obter uma estimativa do que poderia acontecer na globalidade da ilha do Pico num hipotético cenário de produção de vinho equivalente ao praticado no final do século XVI na freguesia das Ribeiras, foi calculada, em traços largos, a área de território que poderia ser considerada adequada para o cultivo da vinha<sup>26</sup>. Com base na área obtida, elaborou-se uma relação de equivalência com o número de pipas que poderia ser produzido em cada freguesia, obtendo-se os resultados registados no respetivo diagrama cartográfico (Fig. 12). Os valores obtidos através desta estimativa são particularmente impressionantes pela sua grandeza. O número total de pipas de vinho produzidas, por ano, em toda a ilha do Pico seria, neste cenário conjecturado de exploração intensa e massiva, de quase 40 mil pipas. Curiosamente, este seria o valor registado pelo padre Manuel Luís Maldonado, na Fénix Angrense, para o número de pipas de vinho produzidas na ilha do Pico no ano de 1658.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face à análise feita ao longo do presente trabalho, considera-se não ser possível concluir que, no final do século XVI, existissem práticas vitivinícolas com uma dimensão relevante na parcela de território da ilha do Pico atualmente classificado como Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico.

A ausência de referências às atividades de cultivo de vinha, de produção e de embarque de vinho para esta parte do território da ilha, associada à existência de uma população de dimensões reduzidas face às restantes zonas da ilha, sugere que a prática vitivinícola não tivesse, aqui, expressão ou fosse de importância comercial residual.

Outro dos fatores que contribui para a presente conclusão é a relevância com que é mencionada a extração e o embarque de madeira e a criação e o embarque de gado para este território, sugerindo que, à época, estas talvez fossem as suas atividades mais destacadas e proveitosas.

A descrição de uma presença relativamente abrangente de matos em troços significativos desta parte da ilha suscita, também, que ainda não teria havido um processo de deflorestação intenso e que, portanto, ainda não existiriam grandes extensões de terreno disponíveis para o cultivo da vinha, como mais tarde se verificaria.

Não obstante esta constatação, considera-se que a crónica revela algumas características que podem ser entendidas como embrionárias do que viria a ser a Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico.

Por um lado, a constatação da existência de dinâmicas de proximidade e de dependência deste território da ilha do Pico em relação a outras ilhas do arquipélago, ilustrada pela presença de transporte relativamente regular de pessoas entre a ilha do Pico e a ilha

---

<sup>26</sup> Estabeleceu-se como limites da área a considerar a linha de costa e a linha de cota sensivelmente equivalente à mais elevada da zona de cultivo da vinha na futura paisagem da cultura da vinha da ilha do Pico.

do Faial, e pela existência de fatores locais, representantes de proprietários residentes fora da ilha do Pico. Estas dinâmicas estarão bastante presentes na gestão da propriedade, investimento e canais comerciais da futura Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, na qual uma parte considerável dos proprietários, investidores e expedidores era faialense ou residia fora da ilha do Pico.

A verificação de que, à época, haveria um conhecimento sobre como os terrenos de «biscoitos» e «pedra quente» seriam adequados para a plantação de vinhas, também indicia a possibilidade deste tipo de exploração poder tornar-se interessante para esta parte da ilha, considerada imprópria para outros tipos de cultivo, dadas as particularidades dos seus terrenos.

Cumulativamente, a existência de produção de pastel — que remete para um investimento numa atividade que implica a criação de meios e conhecimentos técnicos específicos e, também, de redes comerciais exteriores ao arquipélago — testemunha haver uma tentativa de aproveitamento deste troço da ilha do Pico para uma produção que alimentasse um mercado comercial exterior ao próprio arquipélago.

A presença, à época, de alguns sistemas de captação e armazenamento de água com vista a suprir as carências das zonas mais áridas da futura Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico denota, também, haver uma adequação às preexistências naturais, o que faz prever a possibilidade de um crescimento populacional nesta zona da ilha.

Para efeitos de uma aproximação a uma datação, a comparação dos dados constantes na obra de Gaspar Frutuoso com os dados transmitidos por frei Diogo das Chagas permite verificar que houve um aumento significativo do número de freguesias no território da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico até meados do século XVII, eventualmente potenciado por um aumento da população e crescimento da importância económica destas zonas da ilha.

Cumulativamente, na obra de frei Diogo das Chagas, de meados do século XVII, é referida expressamente a produção de vinho para uma parte considerável do território correspondente à atual Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico<sup>27</sup>, o que sugere que, entre finais do século XVI e meados do século XVII, se terá iniciado um investimento mais robusto nas atividades vitivinícolas desta parcela da ilha, conducentes à sua consubstanciação enquanto paisagem física, social, económica e cultural diferenciada, conforme hoje a identificamos e reconhecemos.

---

<sup>27</sup> *Sendo esta Ilha em seus princípios tam áspera e intractavel, que muitos tempos não teve mais de hua so parochia e hua so Igreja forão a cultivando, e domando do modo, que toda hoje em roda de cultiva, e habita, sendo a maior parte, ou quasi todas as lavouras della vinhas, de que se colhem muitos mil pipas que rendem muitos mil cruzados, e só pera o nosso Convento do Fayal se tirão da banda do Norte de Candelaria, até Prayinha, que não he meia ilha, 40 e 50 pipas de esmola.* CHAGAS, 1989: 523.

## FONTES IMPRESSAS

- CHAGAS, Frei Diogo das (1989 [1654]). *Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores*. Angra do Heroísmo: SREC.
- FRUTUOSO, Gaspar (1978 [1590]). *Livro Sexto das Saudades da Terra*. Ponta Delgada: Instituto da Cultura de Ponta Delgada.

## BIBLIOGRAFIA

- CORDEIRO, Padre António Cordeiro (1981 [1717]). *História Insulana das Ilhas a Portugal Sujeitas no Oceano Ocidental*. Angra do Heroísmo: SREC.
- COSTA, Susana Goulart (1997). *Pico. Séculos XV-XVIII*. Lajes do Pico: Associação de Municípios da Ilha do Pico.
- DUARTE JR, Tomaz (2001). *O vinho do Pico*. Ribeira Grande: Coingra.
- FORJAZ, Victor Hugo, ed. (2004). *Atlas Básico dos Açores*. Ponta Delgada: OVGA.
- GIL, Maria Olímpia da Rocha (2017). *Os Açores e o Atlântico: estudos de história económica (séculos XV-XVII)*. Angra do Heroísmo: SREC.
- MACEDO, António Lourenço da Silveira (1981 [1871]). *História das Quatro Ilhas que formam o distrito da Horta*. Angra do Heroísmo: SREC.
- MADEIRA, Artur Boavida (1999). *As fontes demográficas de Antigo Regime nos Açores*. «Arquipélago. História». 2:3, 139-176.
- MENESES, Avelino Freitas de (1998). *O Município da Madalena (Pico), subsídios para o seu estudo*. Madalena: Câmara Municipal da Madalena.
- RODRIGUES, Francisco Cota (2014). *Sistemas Aquíferos dos Açores*. [Consult. mai. 2022]. Disponível em <<http://siaram.azores.gov.pt/recursos-hidricos/Sistemas-Aquiferos.pdf>>.
- VIDAL, Alexander T. E. (c. 1841-1845). *Azores or Western Islas*. [Consult. 20 abr. 2021]. Disponível em <<http://davidrumsey.com>>.